

A IMPORTÂNCIA COGNITIVA DA LINGUAGEM DOS FOLHETOS DE CORDEL NO UNIVERSO ESCOLAR¹

Kalhil Gibran Melo de Lucena²

RESUMO: Ao margear-se o cenário dos últimos dez anos da escola pública brasileira, tendo como foco os ensinamentos Fundamental e Médio, pode-se perceber que crianças, adolescentes e jovens estão cada vez mais desinteressados e entediados com o modelo de ensino que lhes é apresentado. Sabe-se que o ato de estudar ou de empenhar-se a aprender não é realmente fácil e nem sempre prazeroso. Qual deve, então, ser o papel da escola e dos professores diante de um mundo fora do universo escolar que oferece repletas atrações, principalmente tecnológicas? Será que o atual modelo de ensino vem fazendo sentido aos educandos, sendo capaz de atrair as suas atenções? O presente artigo se propõe a apresentar uma possibilidade de interação e diálogo com os alunos, buscando-se dinamizar os processos de ensino e de aprendizagem como alternativa para torná-lo mais agradável ao discente. Dentro dessa perspectiva, a literatura de cordel apresenta-se como uma linguagem interessante e como uma importante ferramenta pedagógica capaz de promover debates, questionamentos, despertar o imaginário e a reflexão nos educandos, assim como instigar a capacidade cognitiva deles. Em suma, é importante deixar claro que os exemplos e as situações problematizadas neste artigo apontam mais especificamente às aulas de História, mas podem, é claro, ser aproveitadas para as outras áreas do conhecimento. **PALAVRAS-CHAVE:** Ensino; Literatura de Cordel; Linguagem.

ABSTRACT: To lay on the scenario of the last ten years the Brazilian public schools, focusing on the Elementary and Middle, we can see that children, adolescents and young people are increasingly disinterested and bored with the teaching model presented to them. It is known that the act of studying or a commitment to learning is not really easy and not always pleasant. Meanwhile, what should the role of schools and teachers in front of a world outside the school environment that offers plenty attractions, mainly technological? Does the current model of education is making sense to the learners, able to attract their attention? However, this article aims to provide an opportunity for interaction and dialogue with students, seeking to streamline the process of teaching and learning, trying to find an alternative to make it more enjoyable to students. Within this perspective the string literature is presented as an interesting language and as an important educational tool capable of engaging in discussion, questioning and awakening the imagination and reflection in students, as well as the cognitive ability to instigate them. In short, it is important to make clear that the examples and situations problematized in this article specifically pointed to the lessons of history, but may of course be utilized in other areas of knowledge. **KEYWORDS:** Teaching; String Literature, Language.

¹ O presente artigo apresenta-se como produto da pesquisa **As Representações da República Velha na Cultura Popular e no Livro Didático**, financiada por uma bolsa PIBIC/CNPq/UFRPE.

² Graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, integrante do Grupo de Estudos em História Social e Cultural – GEHISC e do Grupo de Estudos sobre Ensino e Saberes Históricos - GRESH. E-mail: kakogibinha@yahoo.com.br.

1. Introdução

Rodrigues (1985), em *Por Uma Nova Escola*³, levanta alguns questionamentos pertinentes para pensarmos a educação escolar, como: Por que a educação é importante? Quanto de educação escolar é necessário aos indivíduos hoje? O que espera a sociedade da escola? Contudo, é necessário refletir acerca dessas questões, para que seja possível levantar possíveis soluções para o ensino escolar. E, dentro dessa perspectiva, surge mais um relevante questionamento: Qual o grande desafio dos professores e da escola hoje?

Chaluh (2006), por sua vez, alerta-nos para o fato de que “O desafio da escola é de fazer progredir todos os alunos em um sistema educacional heterogêneo, dando a ele a possibilidade de aproveitamento máximo de seu potencial de aprendizagem”. Assim, observamos ser de fundamental importância trabalhar as particularidades de cada aluno, além de ter a consciência de que ele não é uma folha em branco ou uma tábua rasa, ao contrário, possui uma pertinente bagagem de conhecimento e de representação do mundo e da sociedade.

Fala-se bastante em linguagens e métodos que se apresentam como relevantes aliados aos processos de ensino e de aprendizagem, mas será que esse discurso ultrapassa os liames da teoria e interfere na práxis docente? É óbvio que não se deve aceitar que os professores/as sejam culpabilizados/as por todas as mazelas da educação escolar, mas será que, enquanto educadores, estamos realmente abertos a considerar nossos alunos como sujeitos pensantes, com potencial de ir além de aulas fabricadas de cópias do quadro e do livro didático?

Na área de História, por exemplo, é muito comum depararmos-nos, em contextos escolares, com práticas memorialísticas, ou seja, o professor “treina” seus alunos para memorizar um determinado conteúdo e cobra a repetição desse mesmo conteúdo em momentos de avaliação. Assim, seja em perguntas abertas ou de múltipla escolha, os alunos têm de reproduzir o que retiveram em memória e não necessariamente o conhecimento construído sobre um dado tema. Nessa perspectiva, não se valoriza o poder de criação, de crítica e de reflexão dos alunos. Afinal de contas, se a História é construída a partir do presente e para o presente, por que reproduzir o “velho paradigma” de dar tudo pronto e acabado ao aluno? Por que não o deixar construir, junto ao professor/a, a sua verdade histórica?

Mencionando mais um exemplo do ensino de História, quando analisamos a História do Brasil dita oficial, defrontamo-nos com uma história singular, que enaltece e destaca apenas os grandes feitos e as grandes personagens. Desse modo, o que geralmente se apresenta é uma história pronta e acabada, produzida de cima para baixo, ou seja, imposta por uma elite brasileira econômica e intelectual. É óbvio que não há condições de detalhar uma a uma as personagens de um fato histórico num livro didático, por exemplo, mas é necessário que os autores desses livros, assim como os professores/as,

³ RODRIGUES, Neidson. **Por uma Nova Escola**: o transitório e o permanente na educação. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1985, pp. 53-69.

tenham a consciência de esclarecer e dar a possibilidade de reflexão ao aluno de que a História é plural e inesgotável.

Werneck⁴ afirma que “boa parcela dos professores brasileiros finge que ensina enquanto os alunos fingem que aprendem” e, dessa forma, a educação escolar do Brasil fica refém de aprendizagens forjadas e de baixo nível de aproveitamento cognitivo. Diante desse contexto, é necessário que os educadores busquem alternativas que dinamizem e impulsionem o aproveitamento do saber do aluno na escola. Entre as variadas alternativas para que isso ocorra, destacamos a arte de versejar, ou seja, a literatura de cordel. Assim, vale a pena destacar que os folhetos têm o poder de envolver através de sua escrita musicalizada e que possuem alguns requisitos interessantes para fomentar os processos de ensino e de aprendizagem, de modo a valorizar o aluno enquanto sujeito ativo e pensante nesses processos.

2. A história da literatura de cordel e a sua importância enquanto linguagem alternativa aos processos de ensino e de aprendizagem

Rima, musicalidade, gracejo, liberdade de pensamento e de expressão, essas são algumas das particularidades dos folhetos de cordel. Eles se configuram como instrumentos importantes de representação tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular. A riqueza cultural e a prática da produção do cordel chegaram ao Brasil a partir da influência europeia, mais especificamente de Portugal.

De origem árabe e de tradição oral, difundida pela Europa por poemas de improvisos recitados por menestrelis e trovadores na Idade Média, a literatura de cordel ganhou grande impulso a partir da criação da imprensa no século XVI, e, dessa forma, possui uma dupla natureza: falada e escrita.

Considerada a trajetória histórica da literatura de cordel na Europa, podemos afirmar que, em França, por exemplo, os folhetos de cordel receberam a denominação de *littérature de colportage*, porque os livretos eram geralmente comercializados pelos *colporteurs* – vendedores ambulantes que negociavam com mercadorias penduradas em seus corpos. Os folhetos de cordéis franceses, produzidos em papel de baixo custo, do mesmo tipo de papel que se embrulhava o açúcar que, no século XVII, era comercializado em cones, tinham suas capas impressas em tinta azul, daí o conjunto dessas obras ser conhecido entre os franceses como *Bibliothèque Bleue*.

Outro núcleo europeu relevante na produção e na difusão do cordel foi o da Espanha, onde o cordel ficou conhecido como *pliegos sueltos* e teve seu período áureo no século XVIII. Os folhetos eram impressos em folha de papel de baixíssima qualidade e cada folha era dobrada duas vezes, assim os folhetos espanhóis eram comercializados em forma de pequenas brochuras. A literatura de cordel na Espanha apresentava temáticas

⁴ WERNECK, Hamilton. **Se Você Finge que Ensina, Eu Finjo que Aprendo**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

diversas, como: histórias de aventureiros, de heróis, de bandidos, romances de cavalaria, *pliegos* biográficos e religiosos. Os *pliegos sueltos* apresentavam-se como um produto bastante rentável aos centros comerciais espanhóis.

Já em Portugal, além das mesmas características peculiares de França e da Espanha no sentido de serem edições produzidas a baixo custo, os folhetos de cordéis eram chamados de *folhas volantes*, mas recebiam também outras denominações, como: literatura de cegos e literatura de cordel. Em 1789, o rei de Portugal Dom João V promulgou uma lei permitindo que a Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa pudesse também negociar os folhetos. Assim, esse tipo de literatura foi bastante divulgada e comercializada por cegos, daí a denominação de literatura de cegos. Corolariamente, a denominação literatura de cordel se deu em função da forma como esses livretos eram expostos para venda, ou seja, pendurados em barbantes ou cordões.⁵ A partir de alguns versos do folheto *A Didática do Cordel*⁶ é possível também compreender-se um pouco da trajetória histórica da literatura de cordel:

Não se sabe exatamente
O cordel de onde veio
Alguns afirmam que os mouros
Lhe serviram de correio
Até a Península Ibérica
E de lá pra nosso meio.

Pois lá na Península Ibérica
Cordão se chama cordel
Onde eram penduradas
As folhinhas de papel
Nascendo daí o nome
Desta cultura fiel

O cordel viajou sempre
Nessa marcha cultural
Conduzindo a influência
Da cultura oriental
Embora o seu nome seja
De origem provençal

Menestréis da Idade Média
Narravam grandes contendas
Entre príncipes e dragões
Muitas batalhas horrendas
E contos lá das Arábias
Traçados de velhas lendas

O cordel sempre cresceu

⁵ GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo**: histórias na Literatura de Cordel (1900-1940). Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005, pp. 28-41.

⁶ **A Didática do Cordel** – Autores: Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana. Folheto consultado a partir do site <http://www.cnfcp.gov.br/> - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo Digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral - RJ.

Numa dimensão tamanha
Espalhou-se pela França
Em Portugal e Espanha
A existência dos fatos
Lhe servindo de campanha

Partindo-se, agora, para uma análise do folheto de cordel brasileiro, destacaremos que ele apresentava-se, em sua grande maioria, como um livro pequeno (tendo geralmente 16 cm X 10 cm) e bem fino (a maioria possuindo 8, 16 ou 36 páginas), sendo difundido por violeiros repentistas. O Nordeste do Brasil tem sido o grande berço dos poetas de cordel e, diante do fascinante universo do folheto popular, vários nomes destacaram-se, tanto para a escrita dos versos quanto para a xilogravura⁷, tais como: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde, Silvino Pirauá de Lima, José Costa Leite, José Soares da Silva (Dila) e José Francisco Borges (J. Borges).

Uma característica bem própria do cordel são suas capas, onde geralmente aparecem desenhos populares, xilogravuras, reproduções de cartões-postais antigos, fotografias de poetas, familiares e artistas de cinema ou ainda fotos mostrando cenas de filmes. Conforme afirma Maranhão (1981), na ilustração de capas dos folhetos, a xilogravura foi a mais adotada. Tendo início a partir dos anos 1920, tornou-se uma marca registrada da cultura nordestina. É importante destacar que o xilógrafo popular tem a habilidade de demonstrar nas suas obras cenas do cotidiano dos sertanejos e cangaceiros, o imaginário religioso dos populares, representações diversas de um Brasil esculpido em madeira.

No Brasil, o cordel atingiu seu auge entre a década de 1930 e a década de 1960, porém ele foi bastante rejeitado e discriminado durante o final do século XIX e início do século XX pelos folcloristas, que não reconheciam o cordel como uma genuína literatura popular brasileira. Eles argumentavam que o cordel idealizado e produzido no Nordeste brasileiro, além de ter suas bases firmadas na oralidade, caracterizava-se por uma origem portuguesa, sendo assim, para esses folcloristas, a literatura de cordel não era um produto que representava a legítima cultura brasileira. Entrementes, somente durante as décadas de 1960 e 1970 é que a literatura de cordel ganha reconhecimento entre a intelectualidade brasileira, ou seja, no meio acadêmico.⁸

A professora e pesquisadora Maria Ângela de Faria Grillo evidencia que as marcas de oralidade na literatura de cordel no contexto brasileiro tiveram o seu lado positivo, pois

⁷ Segundo Liêdo Maranhão, as xilogravuras são ilustrações populares. Elas apresentam-se como a arte das gravuras talhadas em madeira – pequenos pedaços de casca de cajá, imburana, pau-pombo, pereiro e nigar-porco, cortados de canivete, goiva, buril, formão, gilete ou de ponta de faca. Quem pratica essa arte geralmente é um modesto anônimo gravador, um ilustrador gráfico das criações poéticas. O poeta de cordel inventa qualquer coisa relacionada ao fato que escreveu e pede ao compadre gravador que faça um serviço caprichado, por conta da amizade, com a promessa de um cento do livro, para o amigo vender na feira. E, assim, nasce o artista, um homem pobre e semianalfabeto. Cf. SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O Folheto Popular**: sua capa e seus ilustradores. Recife: Editora Massangana/ FUNDAJ, 1981.

⁸ GRILLO, Maria Ângela de Faria. Da Cantoria ao Cordel: o reconhecimento entre os intelectuais. In: **A Arte do Povo**: histórias na Literatura de Cordel (1900-1940). Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005, pp. 105-139.

serviram como uma poderosa ferramenta que conseguiu ser mediadora entre as pessoas que não sabiam ler ou escrever ao processo de alfabetização.

Os cordéis eram lidos pelo folheteiro nas feiras e, posteriormente, em saraus e reuniões coletivas, onde ocorriam as narrações de contos e as cantorias. A memorização desses poemas era facilitada pela própria estrutura narrativa e formal dos poemas, e, por isso, considerada, pelos leitores/ouvintes, como um processo de apropriação da leitura. (GRILLO, 2005, p. 8).

Entretantes, diante da importância dos folhetos enquanto linguagem que fomenta os processos de ensino e de aprendizagem, podemos afirmar que, nas últimas décadas, o que se observa é que a literatura de cordel no Brasil vem passando por um momento de ressignificações, por isso, o seu uso em sala de aula, como linguagem alternativa para o ensino de História, é mais uma faceta assumida com muita propriedade pelos folhetos. Assim, sobre essa questão, Pinheiro e Lúcio (2001, pp. 6977) destacam que:

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação em não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção. (...) Lampião, assim como outros personagens da história do Brasil (Getúlio Vargas, Padre Cícero, Tancredo Neves, Antônio Conselheiro), desfila pelas páginas dos folhetos, assumindo ora a posição de herói, escolhido para resolver as questões sociais, ora a posição de homem comum, com suas fraquezas e incertezas. Resta-nos ler com atenção as histórias que estes personagens inspiraram e, despertar nos jovens, o interesse em saber um pouco mais sobre a nossa cultura, sobre a nossa história.

Observamos que os folhetos têm a particularidade de trazer para o universo escolar uma maneira diferente de ler e ouvir, ou seja, uma proposta de ensino e de aprendizagem que nos possibilita transitar pela História e pelo mundo do conhecimento em geral, atravessando os obstáculos de um ensino tradicional. Dentro dessa perspectiva, Freitas⁹ afirma que “por tratar-se de uma narrativa envolvendo situações do cotidiano ou do imaginário popular com uma linguagem e vocabulário simples, utilizando rimas rítmicas, o Cordel atrai os jovens leitores [...]. A Literatura de Cordel traz em seu interior toda uma musicalidade e informações carregadas de conhecimento e de uma visão crítico social.” Nesse sentido, é necessário que consideremos o cordel, também, como uma opção de documento histórico e conscientizemos os alunos de que é possível promover um cotejo entre os folhetos e as versões oficiais da História, como as do livro didático, por exemplo. Contudo, Faria Grillo (2003, pp. 118-119) evidencia que:

[...] O poeta de cordel não trata apenas de descrever a realidade de maneira artística e satisfatória; ele tem, ao mesmo tempo, que fornecer informações frescas e agradar. Os folhetos tornam públicos acontecimentos sensacionais, traduzem as notícias da imprensa da capital para a linguagem do habitante do sertão, e as interpretam como o público gostaria de ouvi-las, mudando-as

⁹ FREITAS, Jotacê. **Cordel Pedagógico** – Oficina de Cordel. Arquivo extraído do site: <http://www.portaldocordel.com.br/downloads.html> - Acessado em 04/02/2011.

muitas vezes e dando-lhes novas funções e significados. [...] Devemos analisar os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, da fala dos políticos e jornais tendenciosos, mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel, através dos folhetos, que mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles.

Levando em consideração que o ensino de História, assim como das outras áreas do conhecimento, precisa ser construído em sala de aula, o cordel tem a possibilidade de ser usado como ferramenta pedagógica no sentido de desenvolver no aluno o exercício da reflexão, da criatividade e da criticidade. Os folhetos podem auxiliar o sujeito a organizar seu pensamento, analisar, justificar suas respostas e expressar-se, promovendo a independência, a autonomia e a cooperação. Dessa forma, faz-se necessário aproveitar as várias facetas do cordel dentro do ambiente escolar:

Encontramos na Literatura de Cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados e relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates e discussões. Qualquer que seja o método de abordagem do educador, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado [...], conscientizando o aluno de seu papel de herdeiro da cultura de seu povo e de agente transformador dessa cultura. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 85).

Entretanto, o/a professor/a precisa despertar no aluno o gosto e o prazer da construção do conhecimento, considerando as particularidades (virtudes, defeitos e dificuldades) desse aluno. Os/As docentes precisam usar as diversas opções de linguagens possíveis para levar o aluno a aprender. Ir além dos livros didáticos e das matérias escolares, oferecendo opção para que se obtenha dos alunos um novo posicionamento na construção do saber escolar e, assim, para que eles possam despertar para novas visões de mundo. Todavia, vale a pena destacar que não se corrobora com a ideia de extermínio dos livros didáticos, mas que os professores possam trazer linguagens que contribuam para alavancar o ensino e auxiliar/complementar os didáticos.

Nesse sentido, estudar por meio da produção da cultura popular é estar aberto a todas as possibilidades, desvencilhar-se dos conceitos e preconceitos, privilegiando códigos e significados simbólicos partilhados entre sujeitos sociais de um mesmo espaço geográfico e de um mesmo tempo histórico.

O cordel, que através da narrativa registra os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor é conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época (GRILLO, 2008, p.1-3).

Em suma, torna-se de fundamental importância considerarmos o poder de criação e de interpretação dos alunos, pois eles precisam descobrir um ensino em que sejam sujeitos ativos, para que possam trazer em suas memórias o prazer pela aprendizagem e a confiança nela. E, para isso, a imagem, a poesia, o cordel, o teatro, o RPG, a música são alguns exemplos de linguagens que, ao serem usadas pelos/as docentes, permitirão um

diálogo muito construtivo e proveitoso com os alunos, tratando-se a educação escolar com leveza.

3. O museu em cordel: o relato de uma experiência de aprendizagem no Museu da Cidade do Recife

Os museus são espaços de educação não formais que oferecem meios para aprendizagens, reflexão e interação social. Nesse sentido, realizamos, de março a setembro de 2009, no Museu da Cidade do Recife, um projeto que teve como público-alvo alunos dos ensinos Fundamental e Médio, da rede pública e particular de ensino, a fim de inseri-los no universo museal, de estimulá-los quanto à interação e à criatividade, bem como promover a sua compreensão sobre a história de Recife mediante a linguagem popular do cordel. Tal projeto denominou-se *O Recife em Cordel* e se apoiava na literatura de cordel para fomentar os processos de ensino e de aprendizagem. Os resultados foram pertinentes, porque os alunos entraram em contato com a História, a Literatura e a Música, a partir da arte de versejar e de uma dialogicidade.

Caimi (2006) afirma que levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento, mas garantir que a apropriação desse conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens. Diante disso, o projeto **O Recife em Cordel** se propôs a trabalhar numa perspectiva dialógica, em que os educandos e o público em geral do Museu da Cidade do Recife tivessem espaço para construir conhecimento.

Vale a pena destacar que o diálogo entre educador e educando precisa ser formulado por perguntas abertas, no sentido de ampliar as funções cognitivas do discente. O método da reflexão tem um dinamismo capaz de motivar no aluno novas ampliações de explicações e novas ideias. Ao mediar a elaboração do diálogo com o estudante, o mediador de museu e/ou os educadores em geral poderão perceber as diferenças entre a turma, que, por sinal, é heterogênea. Assim, não é interessante trabalhar considerando os saberes dos alunos como algo unificado, porque isso inibe as aptidões, as capacidades, as motivações e as disposições, que são plurais. Nesse sentido, Pereira (2011, p.1) adverte que:

Ensinar significa impregnar de sentido a prática pedagógica cotidiana, na perspectiva de uma escola-cidadã. Vale dizer, que a escola é reprodutora, na medida em que trabalha com determinados conhecimentos produzidos e acumulados pelo mundo científico, mas transformadora, visto que promove uma apropriação crítica desse mesmo conhecimento tendo em vista a melhoria da qualidade de vida da sociedade global.

Nesse ínterim, é de fundamental importância considerarmos o poder de criação e de interpretação dos alunos e do público dos museus, pois eles precisam descobrir-se em processos de ensino e de aprendizagem como sujeitos ativos, para que possam trazer em suas memórias o prazer e a confiança pelos saberes em geral, e, para isso, os educadores

precisam desenvolver um diálogo proveitoso e eficiente com os educandos. Afinal de contas, é importante questionar-se: o que temos produzido como educadores? Para onde caminham nosso pensar e nosso atuar diante das exigências educacionais oriundas da diversidade e da complexidade dos alunos que compõem o ambiente dos museus ou a sala de aula? É óbvio que a intenção não é a de trazer respostas prontas e acabadas para todas as deficiências dos processos de ensino e de aprendizagem da educação escolar brasileira [tarefa hercúlea e de longo prazo], mas que essas indagações sirvam para aguçar algumas reflexões enquanto profissionais do ensino.

Procuramos fugir das tradicionais leituras de legendas/textos das exposições museais, bem como das recorrentes maneiras enfadonhas de desenvolver as visitas nos museus. Nesse sentido, percebemos que os folhetos de cordéis se apresentavam como uma linguagem mais envolvente e que possibilitava um diálogo pertinente com o público em geral. A diversidade do cordel pode ser aproveitada, como já afirmado, para instigar debates, discussões e promover a interação entre educador e educando.

Sendo assim, metodologicamente, o projeto **O Recife em Cordel** propunha unir entretenimento e aprendizagem, maximizado por um processo agradável e divertido. A exposição permanente do Museu da Cidade do Recife estava dividida em quatro séculos (do século XVII ao XX), sendo que os alunos tinham a oportunidade de viajar, dentro de quatrocentos anos, pela história da cidade de Recife, margeando a memória local bem como a individual. Todavia, tal viagem não se fazia através de uma visita monitorada tradicional, mas objetivava buscar uma dinâmica de construção do conhecimento alicerçada na linguagem dos folhetos de cordel, assim como do teatro.

Desse modo, a história local era contada tanto pelo acervo permanente da exposição intitulada **Recife de Muitos**, quanto pelo Cordel intitulado **A Linda História do Nosso Recife**, lido e interpretado durante a visitação de forma teatralizada. É importante ressaltar que a encenação teatral, com figurino específico para cada ambiente do museu, era mais um elemento artístico unido ao cordel, que facilitava a compreensão da história contada pelo acervo. Enquanto um monitor explicava a exposição, outro declamava o cordel com interpretações que divertiam e aguçavam a imaginação dos estudantes e do público em geral.

Essa atividade lúdica exercida dentro do ambiente do museu rompeu com velhos paradigmas, como, por exemplo, o de achar que quem visita um museu precisa ficar com as mãos para trás, sem falar, sem sorrir, podendo apenas ouvir o que lhe for “regurgitado” pelos monitores da exposição. Contudo, não se propõe uma receita única, singular, e tampouco queremos pregar que o educador de museu ou do universo escolar precise ter obrigatoriamente alguma habilidade excepcional. O que objetivamos é tão somente mostrar que é possível desbravar outras possibilidades no sentido de atingir bons resultados nos processos de ensino e de aprendizagem de História.

As atividades lúdicas, como essas exercidas no Museu da Cidade do Recife através do projeto **O Recife em Cordel**, unem-se ao próprio Museu, ou seja, ao próprio acervo, como se um completasse o outro, ou melhor, como se o cordel fosse uma extensão da exposição e vice-versa. Consequentemente, precisamos ter em mente que muitas vezes

dizemos ter ensinado algo quando, na realidade, apenas falamos sobre o assunto. O ensino não consiste simplesmente em proferir discursos e o projeto **O Recife em Cordel** é um exemplo pertinente de que o educando tem condições de assimilar muito mais, cognitivamente, a partir do uso de linguagens alternativas do/no ensino do que simplesmente pelo discurso, ou seja, o conteúdo pelo conteúdo.

É muito fácil e conveniente dizer que o aluno não compreendeu o que foi explicado; que ensinamos, mas “não entrou na cabeça do aluno”, como se o problema fosse sempre do educando. Muitos profissionais do ensino acreditam ser um bom educador, mesmo percebendo que o aluno não compreende os assuntos abordados. Esquecemos, muitas vezes, de que a função do professor é a de buscar construir o conhecimento juntamente com seu aluno, apresentando-lhe o caminho do aprender e do pensar. Compreendemos, portanto, que a aprendizagem não precisa ser um processo doloroso e que o conhecimento do aluno não equivale ao conhecimento de livros. Os educandos têm o seu próprio modo de pensar e, assim, suas ideias são representações mentais.

Podemos concluir que a execução do projeto **O Recife em Cordel** foi uma experiência altamente produtiva e satisfatória, isso porque tivemos a oportunidade de fazer importantes trocas cognitivas com diversos educadores e educandos da Região Metropolitana de Recife e também de leituras que aumentaram consideravelmente o nosso nível de conhecimento, a partir de diálogos com diferentes autores. Além de tudo, o projeto confirmou que o folheto de cordel tem papel relevante como ferramenta de ensino.

Em suma, é de fundamental importância deixar claro que as discussões e problematizações aqui apresentadas não se propõem a esgotar as possibilidades de diálogos acerca do assunto em questão. Contudo, desejamos sair da teoria enclausurada no meio acadêmico para a prática expandida ao externo e por meio da qual os processos de ensino e de aprendizagem se fazem, ou deveriam se fazer, inerentes às particularidades de cada aluno enquanto sujeito pensante que constrói seu saber.

4. Considerações finais

A proposta deste artigo é a de colaborar com a propagação do uso dos folhetos de cordel nas aulas de História e/ou de outras disciplinas escolares, não como uma proposta de morte do livro didático em favor da literatura de cordel, mas como uma linguagem lúdica que tem muito a oferecer aos alunos e professores, nos processos de ensino e de aprendizagem, pois permitem um diálogo muito construtivo e proveitoso em sala de aula, apresentando uma proposta de ensino escolar bem significativa.

A partir de inúmeras possibilidades de se transitar na História, da interdisciplinaridade e da diversificação dos documentos, esse artigo se apóia na corrente historiográfica da Nova História Cultural, que advoga que a narrativa faz da História motivo de representação e tema de reescrita, valorizando o seu poder de sedução. A

natureza e a legitimidade do conhecimento histórico, então, podem ser questionadas por uma rica fonte de pesquisa histórica: os folhetos de cordel, que se revelam organizadores da História, através da ficção e do humor, refletindo sobre o próprio desenvolvimento da narrativa.

5. Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAIMI, Flávia Heloisa. **Porque os Alunos (não) Aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Niterói, RJ: Tempo, volume 11, 2006.

CHALUH, Laura Noemi. **Educação e Diversidade** – um projeto pedagógico na escola. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. Tradução de Fulvia L. M. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005.

_____. A Literatura de Cordel na Sala de Aula. In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel (Orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. A Literatura de Cordel e o Ensino da História. Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no **VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FREITAS, Jotacê. **Cordel Pedagógico** – Oficina de Cordel. Arquivo extraído do site: <http://www.portaldocordel.com.br/downloads.html> - Acessado em 04/02/2011.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. O Folheto Popular e as Revistas Ilustradas: os circuitos de comunicação cidade/sertão na virada do século XIX para o século XX. **Fênix - Revista**

de História e Estudos Culturais, Vol. 4, nº 4, p.1-11, 2007. Disponível em: www.revistafenix.pro.br – Acessado em 04/02/2011.

PEREIRA, Ana Maria. O Ensino da História como Responsabilidade Social. **Coluna do Site UOL – Educação**. Artigo disponível em endereço eletrônico: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/coluna_livre/id130202.htm. Acessado em 14/01/2011.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na Sala de Aula**. São Paulo: Editora - Livraria Duas Cidades, 2001.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma Nova Escola**: o transitório e o permanente na educação. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

SANTOS, Salvadora Passos de Araújo. Oficina de Eco-Leitura. **II Encontro Temático Meio Ambiente e Educação Ambiental**. Paraíba, 2002.

SEAL, André. **A (re)Invenção do Saber Histórico Escolar**: apropriação das narrativas históricas escolares pela prática pedagógica dos professores de História. Recife, PE: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Livro Didático**: do ritual de passagem à ultrapassagem. *Em Aberto – INEP – Revista do Ministério da Educação*, Vol. 16, nº 69, p.11-15, 1996. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1034/936>.

WERNECK, Hamilton. **Se Você Finge que Ensina, Eu Finjo que Aprendo**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

Folhetos de cordel consultados:

Gonçalo Ferreira da Silva - **Antônio Conselheiro** – África de um sertanejo místico (s/d). Consultado a partir do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

João Martins de Athayde - **Ai se o passado voltasse** (1942). Consultado a partir do acervo do Arquivo Público Estadual – Pernambuco.

João Martins de Athayde – **A chegada de Lampião no inferno** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

João Martins de Athayde – **A entrada do padre Cícero Romão no céu visto por uma donzela de 13 anos** (s/d). Consultado a partir do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>).

Kalhil Gibran Melo de Lucena – **O corno professor de História e as correntes historiográficas** (2008) – produção independente (acervo pessoal).

Kalhil Gibran Melo de Lucena – **A linda história do nosso Recife** (2009) – produção independente (acervo pessoal).

Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana - **A Didática do Cordel** (s/d). Consultado a partir do acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral – RJ (<http://www.cnfcp.gov.br/>).